



RECTIFICAÇÕES ISTORICAS

(POR TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE)

Tendo concluído as observações que intentei, ácerca do facto da proclamação da independencia na provincia do Maranhão, cumpre verificar o que da-se relativamente ao personagem, que o autor da *Istoria da fundação do imperio do Brazil* denomina *capitão Alcerino*, companheiro de José Pereira Filgueiras.

Não encontrei jámais em escritor ou documento qualquer que na expedição de Caxias figurasse individuo algum notavel com o nome de *Alcerino*.

Talvez o illustrado conselheiro Pereira da Silva quizesse, apontando esse nome, referir-se ao capitão João da Costa Alecrim, valerozo cabo cearense, que distinguio-se na empreza da libertação dos seus compatriotas do Piauí e Maranhão.

Foi um dos primeiros que no Ceará reuniu forças para bater o xefe luzitano Cunha Fidié e sustentar a cauza nacional.

Na citada obra ha varias inexactidões de nome de personagens istoricos, e equivocos ou descuidos de narração, o que motivou uma publicação, que fiz em 1863 sob o titulo *rectificações istoricas*; e que agora reproduzo.

Temos lido com summa atenção os 4 volumes da *Istoria da fundação do Imperio*, que está publicando o Sr. Dr. João Manoel Pereira da Silva.

O credito literario, de que goza o autor, era suficien-

te abono da excelencia da obra, e com efeito muito apreciamos a leitura dos volumes, em que o historiador nos apresenta um verdadeiro e exacto quadro do regimen colonial, de que vulgarmente se tem idéas mui desfavorecidas, porque na generalidade julgamos d'esse regimen por um ou outro facto de maior notoriedade, que aliás não constitue regra.

A leitura da nova obra do benemerito literato convencerá, que o governo portuguez, si tirava vantagens importantes do Brazil, não era aliás imprevidente e descuidozo da sua administração.

Predominavão erroneas idéas politicas e financeiras; mas praticava-se uma administração comparativamente regular e activa; e bem ponderadas as circumstancias de então para oje vemos, que na parte da moralidade dos actos dos altos funcionarios a administração colonial era muitas vezes louvavel pelo escrupulo, com que a metropole examinava e reprimia os excessos.

A obra, de que falamos, é rica de informações, já em relação ás materias politicas e administrativas, já em relação ao desenvolvimento commercial e industrial do paiz, sendo bem notavel o conhecimento que nos ministra da situação financeira do paiz n'esses tempos do dominio absoluto.

No proseguimento da narração historica, já xega o autor até á revolução de 1817, e sentimos ter de dizer, que axamos deficiente a expozição de tão importante acontecimento.

O autor o considera em proporções pouco elevadas, não lhe conferindo o verdadeiro character e sentimento patriotico, que trouxe ao movimento feições menos acanhadas do que as de simples motim militar, ou desenfreno popular.

A idéa da independencia nacional, suprimindo o dominio portuguez, deu alma e sentimento á revolução. Essa idéa generosa não sobresae nas considerações do ilustrado historiador.

A dignidade do character pernambucano fica em sombras, e não nobilita o entusiasmo, de que então se

apoderou a população de quatro capitánias, para só deixar transparecer a idéa de deslealdade dos subditos de um rei pacífico.

A narração do nosso autor devera deter-se acerca de circumstancias mui importantes d'esse grande successo: no entretanto ella summaria essas circumstancias, deixando-nos anciozos por conhecer mais individualmente todas as peripecias d'esse drama politico.

Quem não se interessará pela exposição das senas occorridas na prizão da Bahia, onde se passárão longas agonias?

Quanto não interessaria a circumstancia da relação do processo ou devassa, onde o arbitrio da alcada e prepotencia do seu presidente Bernardo Teixeira tanto se ostentará! Como se não empenharia a atenção do leitor na individuação da luta entre esse magistrado feroz e o benevoló character de Luiz do Rego, tão caluniado em seus sentimentos pelos contemporaneos?

Acerca d'estas e de outras circumstancias, o nobre escritor foi demaziado concizo.

Não ha deficiencia sómente emquanto aos prome-nores dos factos; o autor igualmente na apreciação de certos caracteres não se apresentou em toda a sua luz. Alguns, que tão eminente parte tiverão nos acontecimentos, ficão em logar somenos.

O Capitão-mór de Olinda Francisco de Paula Cavalcante é apenas mencionado nas operações militares, que dirigio no sul da provincia; cumpria porém saber, que esse cidadão teve parte mui notavel no movimento revolucionario, imprimindo-lhe character de moderação e elevação de intentos.

Como é sabido, a revolução nasceu de um acto precipitado e criminozo de dous militares, assassinando o seu commandante.

Esse facto suscitou a revolução, que tomaria character atros e pequenino, si o capitão-mór Francisco de Paula, com outros distintos patriotas, não se puzessem á frente d'ella, dirigindo-a para fins nobres e patrioti-

cos, em vez de deixal-a seguir um curso dezordenado e funesto.

O capitão-mór, pela importancia de que gozava, já por sua fortuna e já por sua familia, não podia ficar indifferente a um facto de tanta magnitude no paiz, onde era objeto de consideração e proeminencia.

Não estava no Recife, quando rebentou o movimento inesperado; e vindo do seu engenho Suassuna, só tomou parte na revolução depois que com sua presença e de seus amigos reconheceu que o meio de prevenir grandes males era dar proveitosa direção ao arrojo da tropa e ao entusiasmo da população, que poderia aliás ser perigozissimo á cauza publica.

Cidadão sempre prestante, elle não era d'esses que vião indifferentes as necessidades publicas: assim já em época pouco afastada havia concorrido para as urgencias dos cofres reaes com um donativo de 5:000\$000 réis, quantia n'essa época aliás consideravel.

Tomando parte na revolução, elle não foi arrastado por sentimentos pouco nobres. Ao contrario só o dezejo de vêr que se não transviasse o movimento já em campo, e produzisse grandes calamidades, e antes pudesse ser aproveitado em favor do bem publico, o incitou a compartilhar a sorte de tantos outros illustres Pernambucanos; pois, como elle mesmo diz na sua defesa apresentada ante os tribunaes judiarios, de então: «Na nova ordem não podia aspirar a cousa, que não fôsse abaixo do que já possuia, e que era a sua sorte, como de todos os outros, confundir-se na geral mistura».

Não foi pois ambição ou outro sentimento ignobil, que incitou o capitão-mór Francisco de Paula a annuir ao movimento revolucionario; foi sim o amor de idéas generozas, que o levárão a arriscar o muito que tinha.

No momento da restauração elle poupou grandes sacrificios a essa cidade, evitando inutil rezistencia e um destruidor bombardeamento.

Tomando pois o mesmo capitão-mór parte tão importante e principal na revolução, mormente sendo essa

parte benéfica e patriótica, não devera ficar em sombras.

A revolução não consistio no levantamento militar: este deu-lhe occasião, e o movimento politico só começou, quando homens importantes e sinceros patriotas apresentarão-se para que o mal se não dezerdadeiasse, e as consequencias não fôsem dezas trozas. O capitão-mór Francisco de Paula foi um d'esses nobres caracteres.

Convem, que a historia não olvide os actos da benemerencia, cuja apreciação excita exemplos futuros.

Admira que na expozição de alguns factos o Sr. Dr. Pereira da Silva se afaste do sentimento geral e do modo porque os contão ainda oje testemunhas prezenciaes; e tanto mais é de admirar esse desvio, quando o autor tinha em vistas a excelente e mui preziosa obra de monsenhor Muniz Tavares sobre a revolução de 1817.

Prezente aos factos, e informado por pessoas participantes n'esses factos, a sua narração deve ser criada como veridica, quando documentos positivos não a contestarem.

Muitos dos factos, narrados pelo sincero istoriador de 1817, temos ouvido referir por contemporaneos, pela mesma fórmula por que elle os conta.

Ha um facto que não podemos deixar de mencionar por vir essencialmente alterado na *Historia da fundação do Imperio*. Falamos da morte do tenente-coronel Alexandre Thomaz.

O Sr. Dr. Pereira da Silva refere-a nos seguintes termos:

«Na execução dos seus deveres encontra-se o infeliz official (Alexandre Thomaz) com um magote de milicianos, que commandava o tenente Jozé Mariano. Fôrao-lhe os passos embargados, e um tiro de pistola, que se disparou por acazo ou de propozito, cortou-lhe

os fios da vida, precipitou-o do cavallo, e estendeu-o por terra».

A narração do Sr. Muniz Tavares é a seguinte:

«Xega n'este momento fatal (ao quartel) Alexandre Thomaz, quer falar e não póde; Pedro Pedrozo apenas o reconhece brada: *«Camaradas! eis o inimigo de Pernambuco, a cauza das nossas desgraças; fogo!* No mesmo instante é obedecido: o mizero cae por terra traspassado de balas».

Esta narração, mui diversa da outra, é confirmada ainda oje por uma testemunha, que assistio a esta sena sanguinolenta e atroz.

Tambem não é referida com exactidão a morte do padre João Ribeiro em uma das suas circumstancias.

O Sr. Dr. Pereira da Silva diz, que o referido padre «amrrou uma corda ao galho de uma mangueira magestoza, e subindo ao cimo d'ella, passou pelo pescoço um laço, que preparára, deixou-se de subito precipitar, e exhalou a vida nas ancias de uma sufocação immediata».

E' verdade que o padre João Ribeiro enforcou-se; mas não no galho de uma magestoza mangueira, e sim na capéla do engenho Paulista, depois de haver infructivamente tomado veneno, que comsigo trazia.

Nos momentos finaes da crize elle repetia que o *carrasco dos tiranos não lhe cavalgaria o caxaço*.

No engenho Paulista em 1862 vi o proprio lugar, onde o suicida estrangulou-se, sendo-me mostrado pelo proprietario d'esse engenho, contemporaneo e conhecedor do facto, o sitio exacto do lamentavel acontecimento.

Outra inexactidão apontaremos. Diz o Sr. Pereira da Silva que os prezos do Crato no Ceará fôrão remetidos para a capital de ordem do governador Manoel Ignacio «que os embarcou em um navio, que seguiu para Lisbôa, onde se conservárão prezos por muito tempo».

E' manifesto engano. Os presos do Crato vierão da capital do Ceará para esta cidade do Recife, e daqui seguirão para a Bahia.

Talvez o autor confunda os presos do Crato com dous negociantes da capital do Ceará, que por cauza da revolução fôrão ali presos e enviados para os carceres do Limoeiro em Lisbôa, onde com efeito jazerão por algum tempo.

Além d'essas inexactidões de factos, ha enganos no nome de varias pessoas, de que trata o autor.

Assim elle dá ao brigadeiro Manoel Joaquim Barboza de Castro o nome de *Manoel Joaquim Rodrigues*, ao tenente Antonio Enriques de Almeida o de *Antonio Rodrigues*, ao marechal Jozé Roberto Pereira da Silva o de *João Roberto*, ao padre Miguel Joaquim de Almeida Castro o de *Manoel Joaquim*, ao capitão-mór Jozé Pereira Filgueiras o de *Jozé Pereira Figueira*, ao capitão Pedro Pedrozo da Silva o de *Pedro da Silveira Pedrozo*, e ao desembargador Bernardo Texeira Alves de Carvalho xama *Bernardo Pereira*.

Indicando essas faltas, não pretendemos censurar ao autor: a obra tem tanto merito que tão leves incorrecções não a pôdem prejudicar. No meio de tamanho brilho não a obscurecem imperceptiveis nubeculas.

Só o dezejo de vêr corrigida a verdade nos incitou a escrever essas ligeiras observações, que deixamos á apreciação do leitor.

E si por ventura fõrem ellas ter ás mãos do illustre istoriador talvez o incitem a fazer novas verificações, elevando assim a missão da historia, cuja obrigação é dizer a verdade ainda em pontos minimos.